

## SIMPÓSIO AT095

# CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA: PROBLEMATIZANDO NARRATIVAS DE UM GAROTO TRANS<sup>1</sup>

UTIM, Matheus Augusto  
(UEG)  
matheusutim@gmail.com

OLIVEIRA, Hélio Frank de  
(UEG)  
helviofrank@hotmail.com

**Resumo:** Problematizamos neste artigo as narrativas de Bruno, um garoto transgênero, que narra vivências e experiências no que tange sua condição de diferente em contexto de sala de aula. De cunho qualitativo-interpretativista, e sob perspectiva narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011), a pesquisa mostra que, apesar de a escola situada se configurar como um lugar multicultural, nela ainda não se problematizam questões relativas à diversidade de gênero. Em nossa interpretação balizada por estudos *queer* (LOURO, 2004; BORBA, 2015), o participante conta suas histórias de forma tímida, clandestina, todavia ciente das situações de preconceito e de conservadorismo reguladas por um mundo circunscrito na heteronormatividade. Nesse sentido, em contextos de ensino/aprendizagem de línguas, para que práticas de linguagem sob perspectivas críticas e decoloniais sejam promovidas, a fim de se ouvirem as diferentes vozes em sala de aula e de se problematizar aquilo que é visto como “estranho”.

**Palavras-chave:** Identidade. Diversidade. Movimento transgênero. Ensino de Línguas.

**ABSTRACT:** We problematize in this article the Bruno's narrative, a transgender boy, who narrates his experiences regarding his different condition in the classroom context. From a qualitative-interpretative nature, and from a narrative perspective (CLANDININ; CONNELLY, 2011), research shows that although a situated school is configured as a multicultural place, the issue of gender diversity has not yet been identified. In our interpretation based on queer studies (LOURO, 2004; BORBA, 2015), the participant tell his stories in a shy and clandestine way, however, having been oriented towards prejudice and conservatism in a circumscribed heteronormativity world. Given this, it becomes central that, in language teaching / learning contexts, critical and decolonial language practices are promoted, an end to hear how the different voices in the classroom and to problematize what is seen as "queer".

**Keywords:** Identity. Diversity. Transgender movement. Language teaching.

---

<sup>1</sup> Uma versão completa deste texto foi submetida para publicação no livro *Trangressão como prática de resistência: um olhar crítico sobre os Estudos Queer*, organizado por Solange Maria de Barros e Márcio Beltrão, obra sob processo seletivo na Editora UFMT.

## Introdução

Neste estudo, optamos por evidenciar vozes que foram/são silenciadas, nem sempre ouvidas, de um cidadão cuja identidade é tida como destoante do padrão cis/heteronormativo (LOURO, 2004, p. 7) para a sociedade. Mais precisamente, refletimos sobre as narrativas de Bruno<sup>2</sup>, um aluno do ensino médio da rede pública de ensino, que narra sua história de vida, experiências e percalços no contexto da sala de aula.

Na pretensão de trazer à tona o olhar para a diversidade e a diferença em sala de aula, questionando discursos homogeneizadores e normativos que regulam escola e sociedade, trabalhamos com narrativas (CLANDININ; CONNELLY, 2011), uma vez que as ouvir importa, porque por intermédio delas nos constituímos e significamos (BRUNER, 1997).

## A diferença no contexto escolar

Mesmo se constituindo como assuntos amplamente divulgados na mídia, gênero e sexualidade ainda se configuram como temas tabus, tanto na escola quanto na família, principalmente para professores/as (MOITA LOPES, 2013). Segundo o autor, faz-se necessário um ensino que não apenas busque a igualdade ou enfatize a lógica monocultural explicada sob movimento de mesmidade e com vistas a suscitar a homogeneização.

Para Moita Lopes (2013) “somos seres do discurso” (p. 136), o qual possui força potencial na promoção de aspectos interculturais e de elementos de identidade e de diferença. Por essa razão, acrescentando Adiche (2017, p. 35), questionar a linguagem é preciso, visto que ela é “o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos”.

Um caminho pelo qual temos nos enveredado, na busca por transformação social de professores/as de línguas, acerca dessa compreensão, a exemplo de outros/as estudiosos/as (PESSOA; HOELZLE, 2017), é a educação linguística crítica docente e discente em linguagem

---

<sup>2</sup> Na tentativa de preservar a identidade do participante, utilizamos o pseudônimo Bruno.

(OLIVEIRA; ARRIEL; SILVA, 2017). Assentados em Moita Lopes (2013), compreendemos que é na escola que os/as estudantes constroem identidades por intermédio dos múltiplos discursos e práticas que atravessam seu cotidiano escolar. Nas palavras de Louro (2014, p. 65, grifos da autora), é na escola que

se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir* [...] todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença.

O argumento de apresentar o que é diferente em sala de aula, no entanto, jamais pode ser tomado como prerrogativa para abandonar o velho. O que é diferente, apesar de discordarmos de sua condição para se tornar nosso, não pode ser subjugado, refutado em significância, porque ele existe. Independentemente de nosso critério pessoal de avaliação, de julgamento e de seleção, o que é diverso deve ter plena garantia de direito social de coexistência junto a outros valores.

### **Metodologia: pesquisa narrativa**

Segundo Paiva (2008, p. 3), “várias áreas do conhecimento vêm investigando a realidade reconstruída através de narrativas”, uma vez que “narradores constroem sentido a partir de suas experiências ao lhes dar a forma de narrativas” (p. 5).

O instrumento para geração dos dados da pesquisa buscou a caracterização de relatos envolvendo trajetórias e experiências de vidas, configurados sob a materialidade de uma entrevista semiestruturada e a discorrer sobre as seguintes questões: experiências e história de vida em sala de aula, identificação sexual e de gênero, relação com colegas de sala e com professores/as, bem como percepções sobre valores construídos naquelas interações cotidianas. Para fluidez na leitura, os fragmentos utilizados estão adaptados estruturalmente à variedade formal de escrita da língua portuguesa, garantindo-se a mobilização do mesmo léxico empregado pelo participante.

## Interpretando as narrativas

Bruno é aluno do ensino médio da rede pública de uma cidade do interior do estado de Goiás e está em processo de transição do gênero feminino para o masculino, constituindo-se como pessoa transgênero. Suas narrativas apresentam uma trajetória de vida construída em torno de situações de constrangimento e de preconceitos vividos e vivenciados em contexto escolar.

Ao narrar suas experiências e histórias, o participante começa relatando o medo que possui acerca do que a sociedade pensa a respeito da pessoa transgênero. Também discorre sobre situações de preconceito vivenciadas dentro de práticas discursivas conservadoras e estereotipadas, principalmente, conforme relata a seguir:

[1] Bom, assim, eu mesmo sempre soube que eu era. Eu tinha um pouco de medo, sei lá, da sociedade, do que eles iriam pensar, medo em si das pessoas, né. A reação das pessoas para comigo. Mas, assim, eu fui devagar, devagar, devagar, devagar. Foi há pouco tempo, aí eu já me assumi e as pessoas já, tipo, tanto que as pessoas não me respeitavam ((risos)). Eles sabiam, mas não me respeitavam. Tanto que eu passava na rua e as pessoas: “Olha a sapatão passando”. Depois que eu me assumi, foi que as pessoas passaram a me respeitar. Só que, para me assumir, aí, eu fiquei pensando, né. Eu estudei muito e fui ao Youtube, na real. Eu sabia que eu gostava de mulher e que gostava de vestir de homem ((risos)), eu fui descobrir o que era isso. Porque, no início, a gente nem imagina, né! Eu fui descobrir o que é trans, na real, assim, acho que eu fiquei um mês estudando isso aí. Porque quem não pesquisa sobre o assunto e quer falar alguma coisa é ignorante.

Em sua narrativa, Bruno parece ter receio de nomear sua constituição enquanto pessoa. Evita, em muitos momentos narrativos, a referência à palavra transgênero para se autodenominar. Ao mesmo tempo, demonstra ciência sobre o fato de, em sua ausência, as pessoas à sua volta, incomodadas, comentarem a respeito de sua condição.

[2] Dentro da sala todo mundo sabia, né. ((risos)) Todo mundo sabe, sei lá... ((risos)) Sabia, mas todo mundo ficava, tipo, comentando na calada, falando de você, tipo, você percebia que estavam falando de você, só que você não queriam falar: “ou,

“você está falando de mim e tal?” Todo mundo percebia, mas eu deixava quieto, ficava na minha.

Acho que, no começo, eles [os colegas] estranharam um pouco [a transição do gênero], mas, tipo, eu cheguei e teve alguns que falaram assim: “Como você quer ser chamado?”. Eu falei: “Bruno!”, aí, alguns começaram a chamar, outros falaram assim: “Vou te chamar do seu nome mesmo”. Eu falei: “Não, do jeito que você quiser me chamar, está bom.”

Nos trechos apresentados, apesar de a presença de Bruno desestabilizar o ambiente e os discursos que ali circulam, fica evidente que nosso participante aprendeu a lição a que Louro (2014, p. 87) se refere: “a lição do silenciamento e da dissimulação”, justamente por entender que “seus desejos não são normais, que não devem ser expressados, que eles precisam ser escondidos”.

A atitude narrada revela que, além de preconceitos direcionados ao gênero, Bruno sofre sob a prerrogativa de uma heterossexualidade compulsória impregnada em nossa sociedade e vigorada pelo machismo exacerbado existente em nosso meio. Não é à toa que, muitas vezes, interpelações nesse viés partam de homens heterossexuais e tenham em comum o mesmo argumento.

### **Considerações finais**

As narrativas deste estudo nos levam à reflexão de que precisamos de uma política de ensino de línguas que problematize gênero, sexo e sexualidade na escola. Enquanto essas demandas curriculares não se realizam, precisamos, professores/as, escutar a diferença.

Nesse sentido, a narrativa pode servir como estratégia de mediação com vistas à alteridade, a nos colocarmos na pele do/a outro/a, para entendermos e respeitarmos o que é diferente. Ouvir o/a diferente pode servir como desestabilização de determinados saberes e discursos, de maneira a percebermos a pluralidade existente nas vidas, nas culturas, nas identidades.

A escola não pode ser um lugar de silenciamento para esses assuntos, porque a sua isenção, o calar docente, além de representar a

concordância com padrões hegemônicos e homogeneizantes, não se constitui como ação de neutralização das ideologias presentes e de urgente ressignificação nesses espaços.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORBA, Rodrigo. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. F. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa narrativa. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores do ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 125-148.

OLIVEIRA, Hélvio Frank; ARRIEL, Tatiane Dutra de Godoi; SILVA, Rita de Cássia Moreira da. Gênero e diversidade sexual na escola: construções identitárias de um aluno-professor. **Letras Escreve**, v.7, n. 1, p. 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 1-6. 2008.

PESSOA, Rosane Rocha; HOELZLE, Maria José. Ensino de línguas como palco de política linguística: mobilização de repertórios sobre gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, p. 781-800, 2017.